

LIGA PORTUGUESA
DE PROFILAXIA SOCIAL

Garrett e Chateaubriand

por

Miranda de Andrade

Professor do Liceu de Alexandre Herculano, do Porto,
e Bolseiro do Instituto de Alta Cultura



B)
21.134.3-9Garrett,
AND

Garrett e Chateaubriand

SEPARATA DO N.º 277 DA REVISTA LABOR

LIGA PORTUGUESA
DE PROFILAXIA SOCIAL

Garrett e Chateaubriand

por

Miranda de Andrade

Professor do Liceu de Alexandre Herculano, do Porto,
e Bolseiro do Instituto de Alta Cultura

*Conferência proferida no Clube
Fenianos Portuenses, em 12-6-1969*

Fern. Barcelone

LUSITÂNIA-AVEIRO
1 9 6 9



Faint header text at the top of the page.

1912

basins of the ...

100

Faint text in the middle section.

at the ...

100

Garrett e Chateaubriand (*)

Há um quadro do pintor Girodet, existente no museu de Versalhes, que representa Chateaubriand, de pé, encostado a um muro recoberto de hera, tendo por fundo o vago azul de montes e as ruínas de uma antiga construção que me sugerem as do Coliseu de Roma, — sede do martírio e morte de inúmeros cristãos perseguidos. Apesar do emaranhado e revoltado dos cabelos anelados, da mão direita metida entre as abas do colete, como que desejando segurar um coração que batia com força e apressadamente, é de calma o ar de toda a figura, de seriedade e, até, melancolia o rosto, de linhas correctíssimas e firmes. Poisa o olhar do retratado no além, no vago, no distante, sereno e meditativo, e não há dúvida de que Girodet, pintor de estilo neoclássico, fez, no entanto, um quadro de inspiração nitidamente romântica. Ali está, bem visivelmente reproduzido, o homem do Romantismo.

Pois esse homem, assim representado e já ostentando o traje dos princípios do século XIX, nasceu no século anterior, em 4 de Setembro de 1768, na cidade bretã de Saint-Malo, a que ele seria sempre fiel, porque foi lá, na ilhota do Grand-Bé, que ele quis ser sepultado, passados oitenta anos, diante desse Mar, cujo refrão das ondas soaria sempre saudosamente aos seus ouvidos onde quer que vivesse ou onde quer que se encontrasse. Pertencia a uma nobre família da Bretanha o pequeno François-

(*) — Conferência promovida pela Direcção da Liga Portuguesa de Profilaxia Social e realizada no Salão Nobre do Clube Fenianos Portuenses, em 12-6-1969, a fim de comemorar-se a passagem do segundo centenário do nascimento de Chateaubriand. Presidiu o Sr. Dr. Gil da Costa, Director da Liga, tendo assistido, entre outras individualidades, o Sr. Cônsul da França, no Porto, Mr. Maurice Constans.

A conferência foi ilustrada com a leitura dalguns textos de diversas obras de Chateaubriand, feita pela artista Senhora Dona Isabel Delerue, e com a exibição de um filme, cedido pelo Instituto Francês do Porto, acerca do castelo de Combourg, onde passou parte da sua vida o glorioso escritor francês.

-René, nobre mas pobre, e o pai, para restaurar a antiga fortuna da família, não hesitou em fazer-se capitão de navios negreiros, obtendo, com efeito, dinheiro bastante para adquirir o castelo de Combourg e colocar a família em situação financeiramente desafogada. Deixando Saint-Malo, instala-se com a mulher e os seis filhos no velho castelo adquirido, uma típica construção feudal, com seus torreões, ameias e seteiras, onde passa a sua infância — e passará a sua adolescência e alguns anos da juventude — o segundo filho varão do Conde de Chateaubriand, homem severo e taciturno, de quem François-René herdará, sobretudo, o grande orgulho.

A sua educação literária e científica — pois não estuda só humanidades, mas também matemática — é feita, sucessivamente, nos colégios bretões de Dol, Rennes e Dinan. Aos dezasseis anos, tem uma crise religiosa e sente-se atraído para o sacerdócio, passada a qual sobrevém-lhe a vontade de seguir a carreira da marinha, para o que chega a fazer estudos preparatórios na cidade de Brest. Mas é a carreira militar a que seu pai acaba por lhe destinar, conseguindo-lhe um posto de «sous-lieutenant» no regimento de Navarra, com sede em Cambrai. Para lá parte, aos dezoito anos, e, após uma breve estadia na sua unidade militar, que é de infantaria, é admitido na corte de Versalhes e apresentado ao Rei e à Rainha Maria Antonieta, porquanto a família pretende que um membro dos Chateaubriand alcance uma posição de realce na corte de Luís XVI.

Não o encanta a vida palaciana de Versalhes e Chateaubriand prefere a vida dos salões parisienses, onde possa relacionar-se com poetas, escritores e artistas em voga, vindo a conhecer, com efeito, nas reuniões da sociedade parisiense, Parny, Lebrun, Laharpe, Chamfort, Fontanes, o qual virá a ser o seu grande amigo e conselheiro nas horas más e nas situações difíceis. Experimenta a sua lira, escrevendo um idílio — «L'amour de la campagne» —, que publica no *Almanaque das Musas*.

Perturba-se com a vida céptica e de dissipação dos salões, sente abaladas as suas próprias crenças perante o reinante entusiasmo pelas ideias e princípios filosóficos de Voltaire e de Rousseau. Entusiasmando-se ele próprio, perde o que sempre teve: a fé religiosa, e já admite determinados princípios reformadores, proclamados pela Revolução que ele sente e vê nas almas e nas ruas de Paris. Nesta cidade, tem a alegria de conhecer um homem idoso, mas ainda enérgico e muito culto, com quem fala de tudo, incluindo a botânica e a geografia. Esse homem é Mallesherbes, magistrado e antigo ministro de Luís XVI, a quem



CHATEAUBRIAND pintado por Girodet

defendeu perante a Convenção. Espírito instruído e liberal, discute com o jovem Chateaubriand a possibilidade de encontrar-se ou descobrir-se uma passagem no noroeste do continente americano, sempre por mar. Fazem-no diante das cartas geográficas existentes e analisando, estudando minuciosamente os relatos de navegadores e viajantes franceses, ingleses, holandeses, russos, suecos e dinamarqueses.

E fosse essa a razão, ou fosse o amor da aventura ou fossem os excessos da Revolução, que o indignavam, ou fosse, com tudo isto, o desejo de surpreender o *homem selvagem*, puro produto da Natureza, de quem Rousseau tinha feito o caloroso elogio, — o certo é que o jovem «sous-lieutenant» do regimento de Navarra embarca, em 1791, no porto de Saint-Malo, num pequeno navio, o «Saint-Pierre», fretado para transportar numeroso grupo de sacerdotes e seminaristas até à cidade americana de Baltimore.

Durante os cinco meses que Chateaubriand permaneceu na América, deve ter visitado as cidades de Baltimore e Filadélfia, subido o rio Hudson e visto as quedas do Niágara e os grandes lagos de Erié e Ontário. Inúmeras oportunidades se lhe depararam de contemplar uma nova Natureza, uma Natureza maravilhosa e inteiramente virgem, e de contactar com os Índios, os Iroqueses, em convivência estreita. Não tentou descobrir — em face das informações desencorajantes recebidas — a tal passagem pelo noroeste do continente, mas enriqueceu o seu espírito com conhecimentos relativos à vida e paisagem americanas, muito embora o seu périplo de viagens não fosse tão amplo como desejou fazer crer.

Ao saber por um jornal, que casualmente lhe caiu nas mãos, da fuga e detenção de Luís XVI, Chateaubriand, obedecendo a sentimentos de lealismo que nunca desapareceram totalmente do seu coração, regressou logo a França. Trazia já consigo um grosso volume de notas de cunho etnográfico e literário, o esboço de uma grande obra, «*Les Natchez*», que alguém classificaria de verdadeiro «poema épico em prosa», uma espécie de epopeia do homem da Natureza. Dessa obra viriam, afinal, a sair as páginas doutras obras que se chamariam: «*Atala*», «*René*», «*Génie du Christianisme*» e «*Voyage en Amérique*».

Um vento tempestuoso, soprando favoravelmente à rota do navio, colocou rapidamente Chateaubriand em França, no Havre. Parte para Saint-Malo, onde, em breve, se casa com Mademoiselle de La Vigne, aquela que viria a ser a esposa fiel e nem sempre resignada, até quase aos últimos dias de vida do grande homem. Este sente ou compreende, assim como os membros da

sua família, ser seu dever juntar-se ao exército dos emigrados, o chamado «*armée des Princes*», que tem o auxílio de tropas realistas prussianas e austríacas e se esforça por vencer o chamado «*exército dos patriotas*», constituído pelas forças da França revolucionária e republicana.

Emigrando, com seu irmão mais velho Jean-Baptiste, pela fronteira da Bélgica, toma parte no cerco de Thionville e nele fica gravemente ferido. Em deplorável estado físico, atravessa a Bélgica, embarca para Jersey e, daqui, para a Inglaterra. Vive sobretudo em Londres, a partir do ano de 1793, mas vive na miséria, chegando a passar fome e frio. Para lhes fugir, dá lições de francês e faz traduções, durante o dia, e, à noite, lança-se a escrever com pertinácia e afinco um importante ensaio histórico-filosófico que será a primeira obra que veio a publicar. É o «*Essai sur les Révolutions*», ditado pela luta entre o cepticismo enciclopédico dominante e a sua inquietação religiosa.

Certas afirmações ousadas, radicais, desse livro, consideradas mais de um discípulo de Rousseau do que de Voltaire, um discípulo de certa filosofia do século XVIII, mas com vistas pessoais de carácter político e religioso, escandalizaram amigos e parentes, entre os quais sua mãe, senhora ilustrada e muito devota. A morte desta, logo seguida da morte de sua irmã Júlia, a lindíssima condessa de Farcy, foram factos que impressionaram profundamente a alma do jovem exilado, a ponto de o fazerem regressar à religião da sua família e da sua infância. Não foi, pròpriamente, uma conversão determinada pela aparição, no seu espírito, de «*grandes lumières surnaturelles*», mas uma convicção «*sortie du coeur*». O caso é explicado por ele desta maneira simples e sintética: «*J'ai pleuré et j'ai cru*». A partir desse momento, uma ideia se lhe arreigou na mente: a de consagrar a sua pena ao serviço da fé reconquistada, refutando as asserções dos sofistas e heresiarcas, e pondo em elevado destaque as belezas da religião cristã. Assim se foi esboçando no seu cérebro o plano de uma grandiosa obra: a do «*Génio do Cristianismo*», que não demorou a escrever.

No ano de 1800, modificada a situação política em França, onde Bonaparte é já primeiro Cônsul, Chateaubriand abandona a terra do exílio e regressa à sua pátria. Instala-se em Paris e, sempre estudando e escrevendo, vive a vida literária no salão doirado de Madame de Beaumont, que se torna sua fervorosa admiradora e amiga, e onde encontra os escritores Bonald, Joubert e Fontanes, este já seu conhecido e amigo. Em 1801, publica «*Atala*», o admirável episódio destacado do «*Génie*», para «*apalpar a opinião e preparar o gosto do público*».

É um êxito a pequena novela, que provoca largo ruído e, até, uma querela literária. No ano seguinte, surge finalmente o «*Génie du Christianisme*», cuja leitura entusiasmou o público francês. E havia motivos para explicar esse entusiasmo e o enorme sucesso da obra: uma renovação que se verificava no campo religioso como reacção contra o ateísmo, e a assinatura, nesse preciso momento, de uma Concordata entre a Santa Sé e a França. O sucesso não escapou ao olhar arguto de Napoleão, inspirador da Concordata, e Chateaubriand foi por ele nomeado para exercer, em Roma, o cargo de secretário da embaixada francesa junto do Vaticano.

Novas impressões lhe enchem o espírito enquanto reside na Cidade Eterna, e é de lá que envia ao seu amigo Fontanes a célebre *Lettre sur la campagne romaine*, que anda nas antologias de escritores franceses por ser um dos melhores textos da Literatura de França. Outra obra lá nascerá mais tarde: a de título «*Voyage en Italie*».

Mas Chateaubriand não se entende com o embaixador, o cardeal Fesch, que é tio de Napoleão. Demite-se do cargo. Porém, Bonaparte deseja tê-lo ao seu serviço e nomeia-o ministro da França na pequena república do Valais, que acabava de constituir na Suíça. Toma posse do novo cargo, mas não chega a ocupá-lo porque toma a súbita decisão de pedir a Talleyrand, ministro dos Negócios Estrangeiros, a sua exoneração. Qual o motivo? O fuzilamento do Duque d'Enghien, o último descendente dos príncipes de Condé e representante da família dos Bourbons. Ocupa grande número de páginas das «*Memórias de Além-Túmulo*» a descrição indignada da prisão, do julgamento à porta fechada e fuzilamento do jovem Duque, raptado em território alemão por ordem de Bonaparte, que o supunha implicado numa conjura contra si. Nunca Chateaubriand perdoará ao Imperador a despótica e cruel resolução, cuja principal culpa parece atribuir, no entanto, ao maquiavelismo de Talleyrand.

A este desgosto soma-se outro, bem íntimo e profundamente sentido: o que lhe causa a morte de sua irmã Lucília, terna e doce irmã, a quem sempre carinhosamente amou, dotada de talento literário, autora de belas cartas, e que lhe serviu, em parte, de modelo para a jovem personagem de *Amélie* da novela «*René*», que tão extraordinária influência e repercussão haveria de ter no mundo do novo século e na maneira de ser romântica das novas gerações.

Empreende, então, com Madame de Chateaubriand, viagens ao sul da França, ao Auvergne e à Suíça. Viaja também pela Itália, donde parte, em 1806, para a sua visita ao Próxímo

Oriente, pois deseja conhecer especialmente a Grécia e os Lugares Santos. O objectivo principal é recolher impressões e elementos para escrever uma obra que demonstre a superioridade poética do cristianismo sobre o paganismo. Essa obra, verdadeira epopeia em prosa, em belíssima prosa, terá o nome de «*Les Martyrs*». Além dela, a deslumbrante viagem, que se completa por uma visita ao Egipto, à Tunísia e à Espanha, frutificará ainda nos seguintes livros: «*Itinéraire de Paris à Jérusalem*» e «*Les Aventures du Dernier Abencérage*».

Para meditar e escrever estas obras refugiou-se Chateaubriand no eremitério de La Vallée-aux-Loups, numa casa que adquiriu em 1807, perto de Sceaux, onde se manteve por largos anos. Aí, deu início a outra obra, que é a sua obra-prima e redigirá longamente, durante mais de trinta anos, com intervalos e repousos diversos, determinados pela actividade política e vários acontecimentos da sua vida pública e particular. São as «*Mémoires d'Outre-Tombe*», o grande, o inimitável quadro da sua vida e do seu tempo, o vastíssimo e encantador painel de toda uma sociedade — a dos fins do século XVIII e princípios do XIX — e que são, hoje, o mais vivo de Chateaubriand.

A vida política deste já famoso, admirado e respeitado escritor começa, propriamente, em 1811. A sua hostilidade contra o Imperador aumenta progressivamente, sobretudo desde que Napoleão, embora não contrariando a sua entrada na Academia Francesa, lhe censurou, em muitos passos, o discurso violento que ele tencionava proferir contra o seu antecessor, o convencional Marie-Joseph Chénier, que acusava de regicida, e depois do fuzilamento de seu primo Armando, por ordem do mesmo Bonaparte. Luta, infatigavelmente, pela restauração monárquica. Combate abertamente o regime imperial. Em 1814, escreve uma brochura intitulada *De Buonaparte et des Bourbons*, com a qual, segundo a frase de Luís XVIII ou dele próprio, fez mais pela restauração da monarquia do que um exército de cem mil homens.

Tornando-se vencedores os Bourbons, Chateaubriand é chamado a prestar os mais altos serviços e em elevados cargos. Durante os «Cem Dias», acompanha Luís XVIII à Bélgica, sendo, interinamente, o seu ministro do Interior, e, voltando a França, já depois da batalha de Waterloo, recebe a distinção do pariato. É afastado, todavia, do cargo de ministro. Ofende-se e escreve o opúsculo *De la Monarchie selon la Charte*, em que defende o princípio de que «o Rei deve reinar, mas não governar», — es-

critico que, evidentemente, desagradava ao soberano francês. Passa-se para a oposição ultra-realista e funda, com um escol de colaboradores, como Luís de Bonald, Villèle, Polignac, Nodier e Lamennais, o jornal *Le Conservateur*, onde revela outra faceta do seu largo espírito: a de jornalista e polemista. Ataca o ministério Decazes e, responsabilizando-o pelo assassinio do duque de Berry, em 1820, provoca a sua queda.

Para o afastarem de Paris, nomeiam-no, em 1821, embaixador em Berlim, donde, um ano depois, transita para a embaixada de Londres. É encarregado de representar a França no Congresso de Verona, na Itália, onde as potências europeias se declararam por uma guerra contra a Espanha, que se tinha revoltado contra o seu rei. Nomeado, em 1823, ministro dos Negócios Estrangeiros, é Chateaubriand que lança o seu país nessa guerra, tendente a colocar no trono espanhol, como rei absoluto, Fernando VII. e ainda a restituir à França o seu papel de grande potência, que tinha perdido desde a queda de Napoleão.

Sai a França vencedora dessa guerra, mas o prestígio alcançado pelo ministro francês e o seu orgulho são a causa de invejas e malquerenças. Indispõe-se com o Rei e cai em desgraça. Mas não cai do pedestal da sua popularidade. Transita para a oposição liberal — ele é o homem da oposição, o eterno oposicionista — e faz, no *Journal des Débats*, uma viva campanha contra o ministério Villèle e em favor das liberdades públicas. Coloca-se ao lado do Conde d'Artois, o futuro Carlos X, que o nomeia seu embaixador em Roma. Demite-se, porém, quando se constitui o ministério do príncipe de Polignac. Depois da revolução de Julho de 1830, não aceitando colaborar com Luís Filipe, o rei usurpador do trono de seu irmão, pede também a demissão da sua dignidade de Par. Mas fica nobremente ligado a uma causa, que sabe, de antemão, perdida: é a tentativa de restauração legitimista da Duquesa de Berry, mãe do jovem Henrique, duque de Bordéus, que Chateaubriand considera o futuro e legítimo rei de França. Por causa dessa tentativa frustrada, virá a ser preso, posto que por pouco tempo.

Considera Chateaubriand terminada a sua carreira política, e o seu desejo é confinar-se a uma vida retirada para se dedicar apenas aos estudos e à publicação das suas obras completas. Dá à estampa, ainda, os «*Études historiques*», um ensaio sobre a Literatura Inglesa e escreve, a pedido do abade Séguin, seu confessor, a biografia de um religioso do século XVII reformador da ordem da Trapa, o abade de Rancé, jovem mundano que acabou por ter uma velhice edificante. Das suas admiráveis «*Memórias*» faz algumas leituras em Abbaye-aux-Bois, no

salão de Madame Récamier, onde é sempre recebido com ternura e veneração por um seleccionado grupo de fiéis, que ouvem, extraordinariamente atentos, a leitura dessas bellissimas e interessantíssimas páginas, as quaes, no entretanto, só poderão ser publicadas, segundo sua própria determinação, após a sua morte, que se verificou a 4 de Julho de 1848.

O homem orgulhoso e incomum não quis ser sepultado junto dos outros homens, mas em lugar à parte, junto desse Mar bretão que ressoara sempre dentro de si. Sòmente a solidão grandiosa do Oceano imenso lhe poderia servir para o eterno repouso.

Creio, minhas Senhoras e meus Senhores, que desta rápida biografia de François-René de Chateaubriand, mais conhecido pela designação de Visconde de Chateaubriand, — biografia forçosamente sucinta mas abordada nos seus pontos essenciaes —, terão apreendido alguns factos ou afirmações e logo relacionado com certos aspectos e acontecimentos da vida do nosso escritor Almeida Garrett. Pois não foram ambos românticos, ambos políticos, ambos diplomatas, ambos Viscondes? Pois não receberam ambos a mesma dignidade de Par e não exerceram ambos o cargo de ministros da mesma pasta — a dos Negócios Estrangeiros? Pois não tiveram um e outro de emigrar e sofrer as dores de um longo exílio, por sinal no mesmo pais — a Inglaterra? E não foram vítimas de invejas e malquerenças dos homens, como homens que eram superiores e políticos eminentes?

Não falando já da circunstância fortuita de terem nascido junto à orla do Atlântico, — um na velha cidade de pedra de Saint-Malo, na Bretanha céltica, outro na velha e granítica urbe do Porto —, é de notar a idêntica educação clássica que receberam, educação que os levou a traduzir os autores latinos e gregos com facilidade e com gosto. Sabe-se, quanto a Garrett, como foi cuidada a sua formação arcádica e a sua preparação linguística, a ponto de lhe serem familiares as línguas castelhana, francesa, italiana, além do latim e do grego. As línguas e as respectivas literaturas. Quanto a Chateaubriand, é frequente acharem-se nas páginas, por exemplo, do «*Génio do Cristianismo*» e das «*Memórias de Além-Túmulo*» citações de versos e obras de diversos poetas greco-latinos, especialmente Virgílio e Homero, que de modo particular conhecia e admirava.

Coisa curiosa: ambos os escritores, quando adolescentes, passaram pela mesma crise religiosa. Garrett chegou a tomar



GARRETT — Homem Elegante
(Desenho de C. Legrand)

ordens menores e obterá, por intermédio de seu tio bispo, Fr. Alexandre da Sagrada Família, um benefício da Ordem de Cristo, onde deveria professar; Chateaubriand foi tonsurado e recebeu o clericalo conferido pelo bispo de Saint-Malo para poder entrar na Ordem de Malta, a que era destinado.

Em Coimbra, tal como tinha acontecido com Chateaubriand ao chegar a Paris, exalta-se Garrett com as ideias de Voltaire e de Rousseau e, apaixonadamente, lê as tragédias do primeiro. Do próprio Chateaubriand (diga-se desde já) vem-lhe às mãos o romance «*Atala*», que — confessa — vivamente o comoveu até às lágrimas, e dele fez logo um drama, que ficou quase completo.

E chegam as terríveis horas, os terríveis anos do exílio, por fidelidade ao ideal político. O escritor francês tinha-se refugiado em Londres e, depois, em Beccles, no condado de Suffolk, para exercer num colégio o ensino da sua língua e do italiano; o escritor português, emigrando três vezes, esteve no condado inglês de Warwick, em Londres e, finalmente, no Havre e em Paris. Privações de toda a espécie não faltaram a um e a outro. Confessa Chateaubriand nas suas «*Memórias*» que, antes de ser professor, chegou, devorado pela fome, a mastigar erva e papéis. Até trapos, molhados em água, sugava... Também a fome e o desconforto assediaram o emigrado português que, para os enganar e esquecer, muitas vezes se lançava, com a paixão de sempre, ao estudo e à leitura de obras que já eram de autores românticos consagrados, ingleses ou franceses: Byron e Walter Scott, Chateaubriand e Lamartine.

Quando deixou a Inglaterra, tinha o escritor francês organizado duas obras de larga e profunda repercussão no campo das ideias: o «*Ensaio sobre as Revoluções*», já publicado, e o «*Génio do Cristianismo*», este principalmente de capital importância no ideário do Romantismo, penetrando-o de concepções de carácter religioso, artístico e literário que marcaram fundamente esse movimento iniciador de uma nova época espiritual da Humanidade. Pois no seu exílio criou Garrett duas obras, que só se podem filiar nesse novo e grande movimento, — duas obras em verso, é certo, mas obedecendo aos preceitos da nova escola, que ele entendia dever ser «uma escola verdadeiramente nacional e independente, romântica nas ideias [...] e clássica na linguagem, sem o servilismo académico de affectados puritanos». De harmonia com a grande obra do teorizador francês, diria no início do poema «*Dona Branca*»:

«Disse adeus às ficções do paganismo;
E cristão vate, cristãos versos faço.»

Como em França «*Atala*» e «*René*», — originariamente episódios destinados a ilustrar o capítulo «*Du vague des passions*» do «*Génie du Christianisme*» —, assim, em Portugal, os poemas garrettianos «*Camões*» e «*Dona Branca*» são as obras iniciadoras de uma nova era literária. Os seus autores irmanaram-se, portanto, no papel de introdutores, nos respectivos países, de uma nova arte, de uma nova literatura.

A ambos seduziu igualmente a política, a vida política. Ambos oradores: um, em Portugal, na Câmara dos Deputados; outro, em França, na Câmara dos Pares; ambos ministros dos Negócios Estrangeiros, ambos diplomatas. Se Chateaubriand representou a França em Berlim, em Londres e em Roma, Garrett representou Portugal em Bruxelas e em Madrid, muito embora não tivesse chegado a apresentar-se na corte espanhola, para onde fora nomeado enviado extraordinário e ministro plenipotenciário da corte portuguesa.

O jornalismo político foi uma paixão de Garrett, como o atesta o elevado número de jornais que fundou e redigiu: *O Português*, *O Cronista*, *O Chaveco Liberal*, *O Precursor*, *O Português Constitucional*... Em política, revela-se liberal, mas monárquico e algo conservador, detestando toda a exaltação e toda a espécie de fanatismos. Afirma um crítico português: «Para ele, o liberalismo é antes uma maneira de ser do que uma forma de pensar. Será, por isso, inimigo de todos os facciosismos, tomando atitudes impopulares, com a coragem mais rica de todas, que é a coragem perante os correlegionários. Tem o sincero propósito de «fazer bem» no lugar de deputado. Mas se isso não for possível, será, pelo menos, um exemplo de tolerância e de espírito de justiça no meio das paixões políticas».

O polemista do *Journal des Débats* teve ideias semelhantes quando evoluiu de uma posição *ultra* para um certo liberalismo. Ele chegou a ser o campeão, em França, da liberdade de imprensa, e, se bem que partidário de uma monarquia borbónica, — dada a sua constante fidelidade aos Bourbons, sobretudo a Luís XVIII, a Carlos X e ainda a esse jovem Henrique V, duque de Bordéus, que nunca reinou —, lutou sempre pelas liberdades públicas, tendo seguramente diante de si, como acontecia com Garrett, o modelo político-social que encontrara e tivera largo ensejo de apreciar na sociedade inglesa.

E já agora permito-me acrescentar que Chateaubriand chegou a admitir a república como fórmula política das sociedades futuras e a anunciar o regime socialista como solução para o problema da desproporção das fortunas. E ainda mais: quando embaixador da França em Roma, arrojadamente sugeriu ao

Papa Leão XII a reconstituição da unidade católica, a reunião das seitas dissidentes por meio de concessões a fazer no campo da disciplina. Não se diria um homem e um político de hoje?

Mas a sua conduta política foi sempre e em todas as circunstâncias dominada por um vivo e inalterável sentimento: o do amor pela França, pelo seu passado e pelas suas glórias, exactamente como viria a suceder com o autor de «*Filipa de Vilhena*», do «*Alfageme de Santarém*» e doutras peças dramáticas que são a demonstração do seu inquebrantável amor pátrio, ao lado do seu comportamento político que sempre se caracterizou por um portuguesismo exuberantemente afirmado e apaixonadamente defendido.

Os dois escritores-jornalistas foram vítimas — já o disse — de malquerenças de adversários políticos e, até, dos próprios soberanos. Napoleão, molestado com as discordâncias de Chateaubriand, moveu-lhe certa perseguição, posto que não tão viva como a que vinha movendo a Madame de Staël, amiga do autor de «*René*» e sua companheira de ideais literários. Mas a ambos chegara a desterrar. Pois a nossa Dona Maria II — sabe-se — não morria de amores pelo seu fiel servidor, antigo elemento do Corpo de Voluntários Académicos, admirador de D. Pedro IV, seu pai, lutador intemerato da sua causa e denodado defensor dos direitos e da promoção do Povo Português. Ela não hesitou em o desconsiderar publicamente quando o exonerou do cargo de encarregado de negócios de Portugal em Bruxelas, e sabe-se que foi bem a custo que lhe concedeu a dignidade de Par do reino e, mais tarde, lhe fez mercê do título de Visconde. Tudo isto, apesar de lhe reconhecer «os distintos merecimentos e qualidades», como se diz no decreto real...

Também alguns defeitos haviam de aproximar os dois grandes homens. Além do imenso orgulho, herdado de seu pai, — um Chateaubriand com antepassados nas Cruzadas, dos quais um foi companheiro do Rei S. Luís, — além do enorme orgulho, manifestado em todas as ocasiões, o autor de «*René*» possuiu o defeito da vaidade, que se demonstra surpreendentemente em perguntas como esta que ele próprio fez: «Se não existisse Chateaubriand, como seria o Mundo?» Quem ler as suas «*Memórias*» terá igualmente a surpresa de o ver comparar-se pormenorizada-mente a lorde Byron e, mesmo, a Napoleão, para concluir que o genial guerreiro foi o maior na história do seu tempo e ele, Chateaubriand, o maior na literatura da sua época...

Não vai tão longe o Escritor português. Mas todos sabem que ele foi, por vezes, o autor de prefácios laudatórios das suas obras, — defeito que, um dia, lhe foi lançado em rosto, no Parla-

mento, pelo grande tribuno José Estêvão, cujas palavras candentes o deixaram perfeitamente impassível. O amor das condecorações foi outra manifestação da sua vaidade. Já múltiplamente condecorado por vários países. Garrett recebe, um dia, do Governo francês o grande officialato da Legião de Honra, — venera que não quis logo receber por entender que lhe competia a Grã-Cruz, acabando, no entanto, por aceitá-la... E, neste capítulo de veneras ou condecorações, é bem curioso referir-se que Garrett alcançou o título de «balio honorário» e a Grã-Cruz da Ordem Militar do Hospital de São João de Jerusalém, precisamente uma das muitas condecorações que, além da Legião de Honra e da Ordem de Cristo de Portugal, tinham sido atribuídas a Chateaubriand, com quem intimamente se compara, embora o negue.

E no capítulo : — amores... Permitam-me que levante um pouco a cortina que nos separa da intimidade dos dois geniais escritores e lhes fale um pouco, mas discretamente, da sua vida afectiva, isto é, dos seus amores. Em tal capítulo, é também interessante saber-se o que se passou. Aos vinte e dois anos de idade, logo após o regresso da sua viagem à América do Norte, casa-se Chateaubriand, «le chevalier de Chateaubriand», com Celeste de La Vigne. É um casamento de conveniência, «un mariage de raison». Portanto, sem amor.

O primeiro amor é o que ele sente pela jovem e lindíssima filha de um pastor inglês, Charlotte Yves, sua aluna de francês e italiano, residente em Bungay, outro local do seu exílio na Inglaterra. Essa é que é a sua Sífide, a primeira que corporizou os ardentes sonhos da sua adolescência quando ainda vivia no castelo de Combourg e a sua imaginação em fogo ia criando e compondo as formas ideais de um ser angélico e perfeito... Mas o amor por Charlotte era um amor impossível. Chateaubriand era já casado... Naquele tempo, porém, era moda amar-se muito. E amou-se, até, demasiado... Chateaubriand, a quem André Maurois não hesita em classificar de D. João, em face das suas numerosas paixões, exorna-se, em França, com os amores de várias mulheres, quase todas de notável formosura, em cada uma das quais ia encontrando um aspecto ou aspectos da sua Sífide ideal. Eis os seus nomes: Paulina de Beaumont, Delfina de Custine, Natália de Noailles, Clara de Duras, Julieta Récamier, Cordélia de Castellane, Hortense Allart... E quantas mais!

Pois todos nós não ignoramos que Almeida Garrett se gabava de aguentar vários namoros ao mesmo tempo, — e já não era um homem moço —, e que na sua lista de mulheres amadas figuravam, como ele mesmo confidenciou, tantas quan-

tos os pecados mortais: sete! Sabemos, hoje, que essa lista poderia completar-se com mais alguns nomes. Além de Isabel Hewson, filha do cônsul inglês na Ilha Terceira e seu primeiro amor, além doutros amores menos duradouros, o coração de Garrett vibrou ainda com a presença feminina de Luísa Midosi, com quem casou e de quem se separou, com a poetisa francesa Paulina Flaugergues, que conheceu em Lisboa, com Adelaide Deville, que lhe deu a única herdeira do seu nome, com Maria Kruz, a dos olhos negros, «que tinha fidalguia no corpo, no rosto e na alma», com a baronesa da Luz, depois viscondessa, uma andalusa de beleza esplendorosa que lhe inspirou os versos ardentes das «*Folhas Caídas*»... Manda a verdade, contudo, que se diga que, em meio de tanta versatilidade sentimental, a uma das mulheres amadas foram os dois românticos mais constantes, mais fiéis: Chateaubriand a Julieta Récamier; Garrett a Adelaide Deville. E ambos manifestaram, por vezes, a vontade de serem sepultados e dormirem o eterno sono junto dessas mulheres profundamente admiradas e queridas.

Mas defeitos e fraquezas são elementos constitutivos do barro humano e parece que não podem deixar de existir, mesmo que seja elevada a alma que o anima. Por isso, se não admirava de os encontrar na pessoa de Almeida Garrett o alto espírito de Alexandre Herculano, confessando-o publicamente certo dia em que se lhe dirigiu com esta franqueza, bem própria do seu carácter: «Eu estimo e hei-de estimar sempre V. Ex.^a (ainda que alguma vez me irrite como sucedeu com a convenção (*sobre a propriedade literária*), porque V. Ex.^a é uma grande inteligência e um grande escritor, com virtudes e defeitos como eu tenho, e como têm todos aqueles a quem Deus não deu uma alma de lama».

Eu poderia ainda aqui destacar que Chateaubriand, na sua viagem à América do Norte, aportou a uma ilha dos Açores, talvez a essa ilha Graciosa, onde residiu um tio de Garrett e onde este, Garrett, fez aquele notável sermão numa festa religiosa, em que inesperadamente faltou o contratado e verdadeiro orador sacro; que ambos foram presos por motivos políticos; que sempre se confessaram admiradores do ambiente social inglês, — admiração que teve reflexos na obra literária de cada um; que nos doirados salões que frequentaram (parisienses e lisboetas) e onde eram recebidos como oráculos das letras e do bom gosto, como modelos de elegância masculina, obtiveram os mais rotundos e completos êxitos que se podem alcançar numa sociedade culta e brilhante... Mas não quero alongar-me demasiado, para

não abusar da vossa paciência. E, por isso, lançando a vista à obra de cada um e meditando na mensagem que trouxeram à arte e à literatura, afirmo-lhes, desde já, que o nosso Garrett nos deixou — é certo — um maior número de poesias, reunidas em abundantes livros. O seu colega francês legou-nos apenas um, e sabe-se que a sua «secreta ferida» era realmente verificar que a sua lira não lhe fora fecunda nem propícia. O verso não lhe saía fácil nem inspirado, como saía, muitas vezes, ao romântico autor das «*Folhas Caídas*». Mas tal secura de produtividade lírica significa que fosse menos poeta o autor francês? De maneira nenhuma. Toda a sua obra distila poesia, e da melhor, e da mais alta, desde os quadros descritivos da flora e fauna americanas, das paisagens empolgantes do Novo Mundo, totalmente desconhecidas dos europeus, — quadros artisticamente objectivados nas novelas «*Atala*» e «*René*» —, até certas páginas arrebatadoras das «*Memórias de Além-Túmulo*», impregnadas do mais elevado e original pensamento poético, da mais fina e subtil sensibilidade, das imagens mais felizes e encantadoras. Por alguma razão lhe chamavam a ele, *l'Enchanteur*.

Menos feliz foi Chateaubriand no que diz respeito a obras de teatro. Que me conste, apenas escreveu uma peça, uma tragédia à maneira do século XVIII, e como muitas desse século, tão prolífico em produtos literários de tal género. Chama-se «*Moïse*» (*Moisés*, em português), aliás pouco estimada pelos seus amigos e contemporâneos. Nesse aspecto, superou-o o nosso Escritor, que, depois de uma produção abundante de tragédias à moda clássica, inspiradas pelas de Voltaire e Alfieri, no início da sua carreira literária, lançou-se no drama romântico e nas comédias dramáticas, assentes em assuntos puramente nacionais, conforme aconselhava e proclamava, como regra artística a seguir pelos escritores e poetas, o autor do «*Génio do Cristianismo*». E suponho que o primeiro drama, embora incompleto, de Garrett foi precisamente o que ele extraiu das páginas emocionantes de «*Atala*», que leu, entusiasmado e comovido, quando ainda era estudante em Coimbra, como há pouco disse. Reproduzo, a seguir, com gosto, as primeiras palavras da «prefacção» que ele escreveu, por sinal, aqui na cidade do Porto, em Outubro de 1820:

«Eu tinha dezassete anos quando pela primeira vez li a «*Atala*» (*Garrett entendeu que devia ser esdrúxula esta palavra e assim a grafou*) de Mr. Chateaubriand. A impressão que me fez foi a que produzem sempre todas as leituras deste género em um coração novo, sensível, e ainda pouco embotado pelo uso do mundo. Enterneceu-me, comoveu-me fortemente, e (não me envergonho de o confessar) excitou-me algumas lágrimas. Pas-

sados os primeiros impulsos da natureza, veio o entusiasmo; e tal foi este que muito tempo duvidei que houvesse alguma coisa melhor daquela espécie. A mesma nova Heloísa, (*de Rousseau*) cuja superioridade não carece dos meus abonos, me parecia então muito inferior».

Foi o talento dramático de Almeida Garrett bem superior ao do lírico, e a obra que, acima de todas, serve para o demonstrar é o imortal «*Frei Luís de Sousa*», — um drama de nível shakespeariano, que dá à peça e ao seu autor foros de categoria universal. Ora aquele trágico desenlace final, aquela catástrofe que provoca o suicídio moral de duas vidas (a de Dona Madalena de Vilhena e a de Manuel de Sousa Coutinho) fazem-me lembrar a ideia de Chateaubriand, expressa claramente por *René* quanto ao asilo e refrigério que a Cruz ou o Cristianismo podem oferecer àqueles que tombaram na desgraça e morreram para o mundo. Todos nós sabemos que foi, contudo, no curtíssimo espaço de quinze dias que nasceu a maior obra do teatro português, e, com ela, uma das nossas poucas contribuições para a Literatura universal. «Durante esse tempo», como alguém disse, «o génio habitou o cérebro de Garrett».

Excepcionalmente eruditos, e profundamente artistas e estetas, o destino marcou aos dois escritores latinos uma específica mensagem: a de criarem a linguagem dos tempos vindouros, um novo estilo expressional que é ainda o dos nossos dias. Começando ambos a escrever num estilo e ao gosto do século XVIII, de acordo com a instrução clássica, humanística, que tinham recebido na adolescência e na juventude, os novos tempos e as novas ideias levaram-nos a criar uma nova expressão literária. E da pena de ouro de Chateaubriand fluiu um dos mais belos estilos, senão o mais belo estilo de toda a Literatura Francesa — não ainda o do «*Essai sur les Révolutions*», mas já o das soberbas páginas do «*Génie du Christianisme*», para atingir o seu pleno, a quinta-essência da arte e do gosto estético nos capítulos do romance histórico «*Les Martyrs*» e do livro de viagens «*Itinéraire de Paris à Jérusalem*». Não conheço frase mais musical, de um equilíbrio estético mais perfeito. Uma rara transparência de ideias e um milagre na harmonia das palavras! E, por isso, Chateaubriand ficou sendo a fonte aonde foram beber, encantados e sempre sedentos, um Vítor Hugo, um Flaubert, um Loti, isto é, alguns dos maiores artistas da prosa francesa.

Garrett foi, também, neste ponto, o nosso Chateaubriand. Ele relegou para a obscuridade as frases transpostas, as inversões, os arcaísmos do seu velho mestre Filinto Elísio e, abrindo largamente a porta ao novo ar do século XIX, tirou o bafio à expressão portuguesa, desemperrou-a, modernizou-a e pô-la apta a

traduzir ideias, emoções e sentimentos de uma época diferente e de um homem diferente. Foi esse um dos seus grandes legados, tão opulentamente contido, por exemplo, nas «*Viagens na Minha Terra*», e de que vieram a aproveitar-se alguns dos futuros mestres da nossa prosa oitocentista.

E por falar da nossa prosa, da nossa língua, eu desejo abrir, aqui, um breve parêntesis para pôr este problema curioso: não saberia Chateaubriand o português, ou, pelo menos, não teria dele um certo conhecimento? A minha pergunta baseia-se no facto de ter encontrado nas suas «*Memórias*» nada mais, nada menos, do que a tradução, embora parcial, daqueles célebres versos de Camões que ele dirigiu a «*Bárbara escrava*»:

«*Aquela cativa/que me tem cativo/porque nela vivo/já não quer que viva*». Assim os verteu para francês:

«*Cette captive qui me tient captif, parce que je vis en elle, n'épargne pas ma vie*». E continua a tradução doutros das mesmas endechas:

«*Jamais rose, dans de suaves bouquets, ne fut à mes yeux plus charmante*».

É bem possível que conhecesse a nossa língua, como conheceu, realmente, a epopeia de Camões, a quem designou por «*cisne do Tejo*», «*cygne du Tage, qui fit entendre sa triste et belle voix sur les rivages de l'Inde*». E mais um ponto de contacto com o poeta portuense, cantor romântico do nosso Épico, assim se verifica: uma comum admiração por Camões, pelo glorioso cantor de Portugal.

Aliás, o autor de «*Atala*» foi um fundo conhecedor das maiores figuras literárias da Humanidade, desde Homero, cuja obra o acompanhou sempre durante a longa emigração, até Milton, que traduziu, ou Shakespeare, que considerou o maior génio literário da Inglaterra e um daqueles cinco ou seis escritores mundiais que têm bastado às necessidades do pensamento humano, um desses «*génios-mães*» — «*génies-mères*», como ele diz — que parecem ter criado e alimentado todos os outros. Assim, afirma ele, Homero fecundou toda a Antiguidade: Ésquilo, Sófocles, Eurípides, Aristófanes, Horácio, Virgílio são seus filhos; Dante gerou a Itália Moderna, desde Petrarca a Tasso; Rabelais criou as letras francesas: Montaigne, La Fontaine, Molière são os seus descendentes. A Inglaterra é toda Shakespeare, cuja linguagem é a que veio a ter Byron e cujo diálogo inspirou o de Walter Scott.

O Romantismo, minhas Senhoras e meus Senhores, começou em Rousseau e pode dizer-se que ainda não acabou. Do Romantismo data, verdadeiramente, a época actual, a época mo-

derna e em que ainda vivemos. — época que pôs termo à era clássica que morreu com Voltaire. Um mundo morreu com Voltaire; outro mundo nasceu com Rousseau. O que o mundo de Rousseau significa verdadeira e profundamente está sintetizado numa frase do prefácio do «*Cromwell*», isto é, do manifesto romântico de Vítor Hugo: *liberdade na Arte*.

Eis a grande revolução gerada pelo Romantismo, e que está na base das revoluções artísticas e literárias que surgiram posteriormente: o parnasianismo de Leconte, o realismo de Flaubert, o simbolismo de Verlaine, o surrealismo de Breton, Eluard e Aragon, dos tempos de hoje. Tudo decorre daquele conceito de liberdade, aplicado à criação literária e artística. Todas as tentativas e experiências foram e são possíveis graças a ele, a esse conceito, e por ele têm o artista e o escritor descoberto e encontrado, dentro e fora do seu consciente, mundos novos, espaços insuspeitados, aspectos inéditos, que têm fornecido temas a obras de inesperada originalidade e inegável valor.

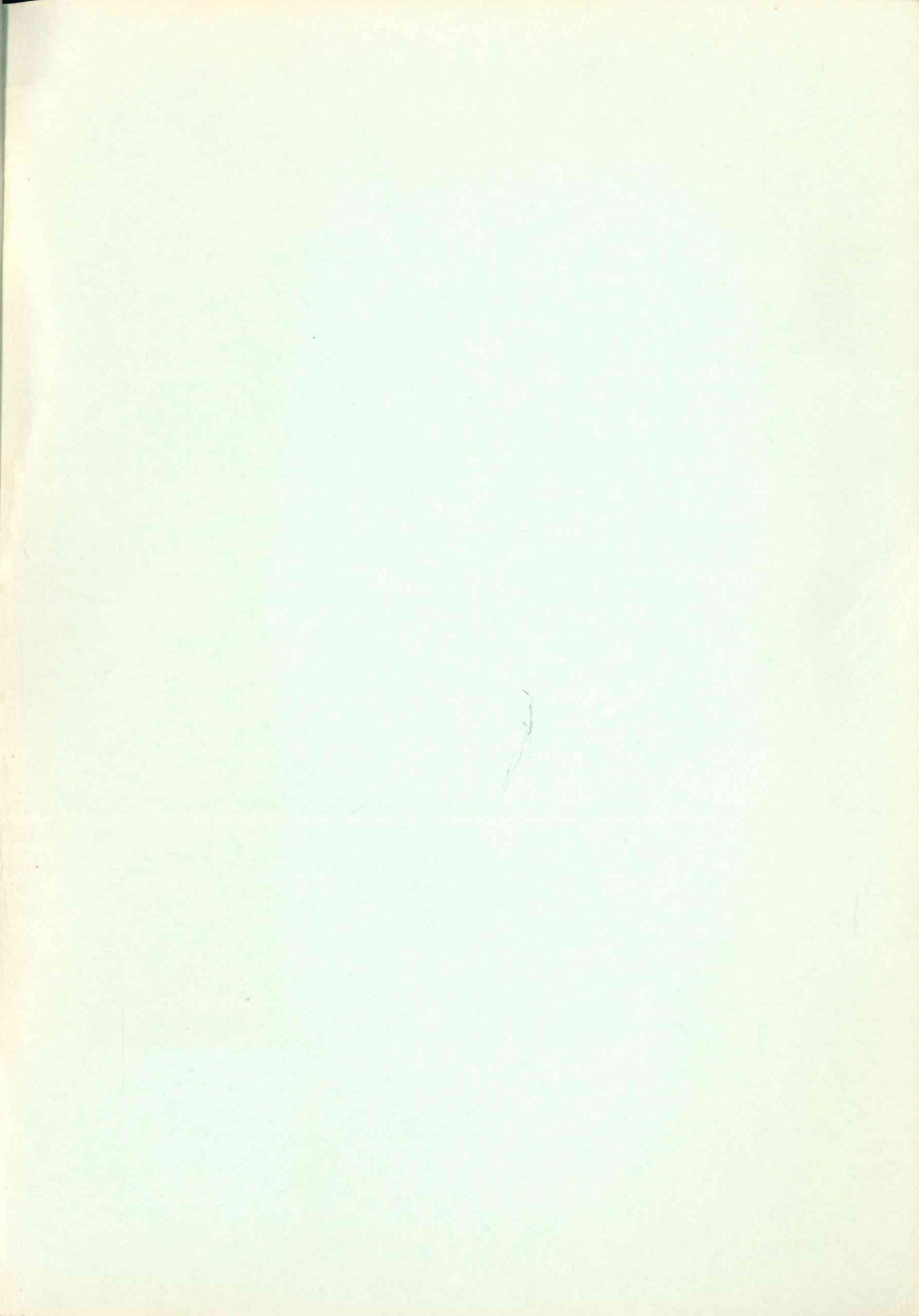
Pois nas origens desse grande movimento romântico, — movimento em que a sensibilidade e o coração do homem protestaram justamente os seus direitos —, nas origens desse movimento europeu, principalmente anglo-saxónico, avulta a figura de Chateaubriand, seu propugnador e introdutor em França, como, vinte e alguns anos depois, Garrett seria o seu propugnador e introdutor em Portugal.

Que ficou, minhas Senhoras e meus Senhores, dos dois vultos românticos, encarados *sub specie æternitatis*? Creio que já poderemos responder a tal pergunta, afirmando que a posteridade tem guardado, com interesse e prazer, a beleza expressional de cada um, — uma etapa histórica da evolução da linguagem —, e a sua variada e brilhante obra: de um, principalmente as suas ainda vivas e curiosíssimas «*Memórias*»; de outro, o drama de uma família que mais parece o drama de um povo, esse melancólico e austero «*Frei Luís de Sousa*», que se não pode ler nem ouvir sem que um frémito de tragédia nos percorra a alma.

Creio, — e nisto os aproxima o mesmo amor da glória —, que os dois Escritores, católicos e crentes, não se contentaram em adquirir, durante a existência, o direito a uma eternidade das suas almas no Além, mas também lutaram, e constantemente, e denodadamente, por alcançar a imortalidade dos seus nomes neste Mundo. E, na verdade, conseguiram-na.

Porto, Maio de 1969.





biblioteca
municipal
barcelos



11622

Garrett e Chateaubriand